

CORRIDA À CASA BRANCA

Com o endosso de Joe Biden à indicação da vice pelo Partido Democrata, apoio das mulheres e de minorias pode ser decisivo na disputa pela presidência. Analistas veem alternativa à personalidade explosiva de Trump como diferencial

A força da renovação

» MARINA RODRIGUES

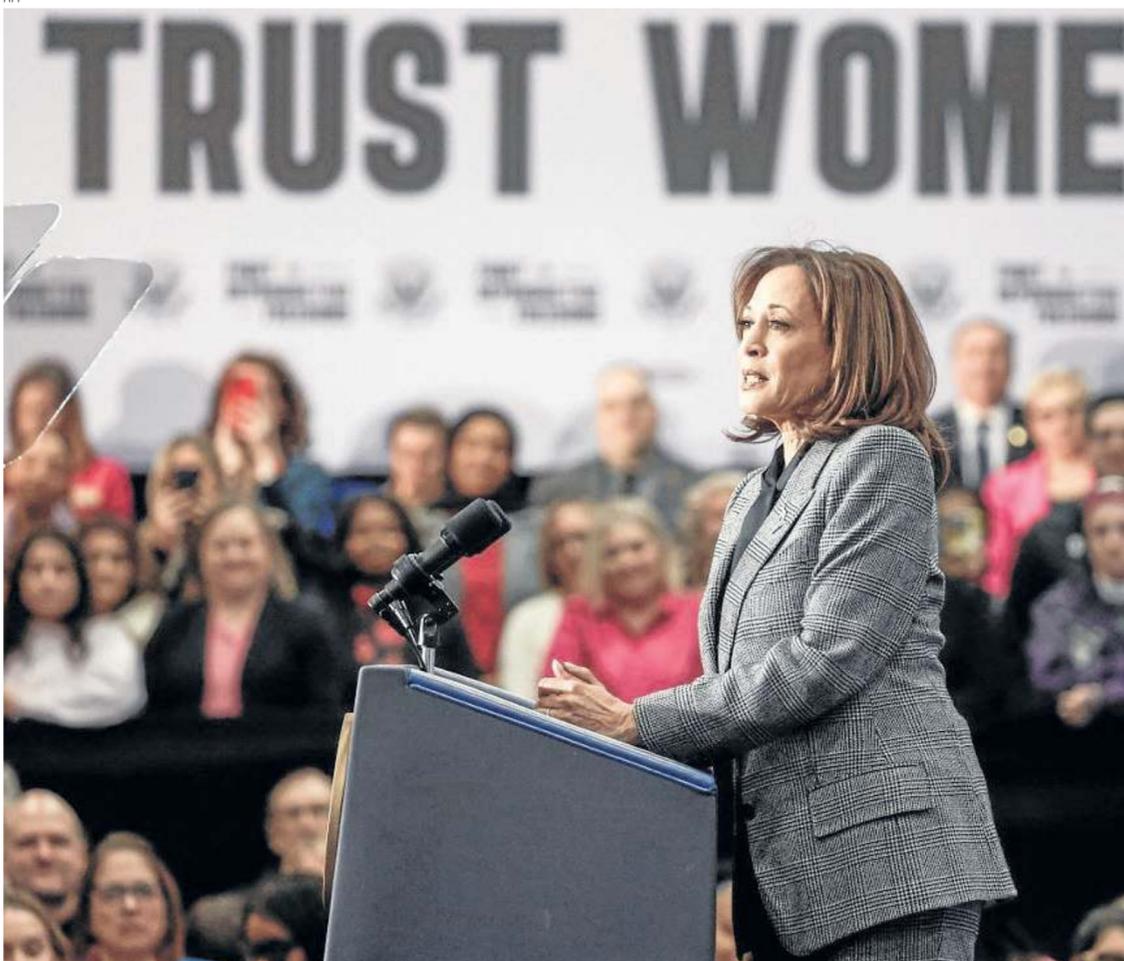
Favorita para representar os democratas nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, Kamala Harris se prepara para assumir, possivelmente, a campanha do partido. A primeira mulher negra e de origem asiática a ocupar a vice-presidência dos EUA, e a segunda a se eleger senadora, agora tem a possibilidade de chegar à disputa pela Casa Branca e fazer história. Sua presença na corrida eleitoral deve ampliar a representatividade. Kamala prometeu derrotar o magnata republicano Donald Trump e sua agenda extrema do chamado “Projeto 2025”. Ontem, ela trocou a imagem de capa do perfil na rede social X pela mensagem “Vamos ganhar isso”.

Além da opinião de democratas influentes a favor da vice na liderança da chapa, como o ex-presidente Bill Clinton e de sua esposa e ex-secretária de Estado, Hillary Clinton, pesquisas recentes apontam que Kamala poderia se sair melhor que Joe Biden como adversária de Trump.

Marca registrada de Kamala, os direitos reprodutivos e a mobilização das mulheres são pautas frequentes em seus discursos, o que pode influenciar o eleitorado de forma positiva ou negativa. “Penso que a entrada de Kamala pode ser bastante importante para ampliar o apelo entre as mulheres e as minorias, bem como os mais jovens, que, até então, mantinham maiores restrições em relação à figura de Joe Biden. Além disso, ela é uma candidata com bagagem e experiência, o que também pode auxiliar na conquista do eleitorado moderado”, expõe Clarissa Forner, professora de relações internacionais na Universidade São Judas Tadeu (em São Paulo).

Por outro lado, o tempo é uma variável importante. “A convenção do partido ocorrerá em breve e não houve um trabalho anterior, nos últimos quatro anos, para tornar Kamala uma candidata mais viável e consolidada. Como indicado, o conservadorismo é um elemento muito presente na política norte-americana, e o fato de estarmos falando de uma mulher afroamericana, infelizmente, também pode trazer limitações em algumas faixas do eleitorado. Também há as dificuldades envolvendo o próprio Partido Democrata. Caso não haja um esforço de construção de unidade, nas próximas semanas, isto também pode enfraquecer a candidatura dela”, afirma a especialista ao **Correio**.

AFP



Personagem da notícia

Ativista por natureza

Filha de imigrantes — mãe indiana e pai jamaicano —, Kamala Harris, 59 anos, nasceu na cidade de Oakland, no estado da Califórnia. Foi promotora distrital em San Francisco por dois mandatos, entre 2004 e 2011, e, em seguida, foi eleita duas vezes procuradora-geral da Califórnia, até 2017. No mesmo ano, tomou posse no Senado em Washington, onde se tornou a primeira mulher do sul da Ásia e a segunda senadora negra da história.

Responsável por tocar a campanha Luta pelas Liberdades Reprodutivas, foi destaque na defesa dos direitos das mulheres, sobretudo após a proibição do aborto pela Suprema Corte em 2022. Teve recorde de maior número de votos de desempate por um vice-presidente na história do Senado e papel crucial na aprovação da Lei de Redução da Inflação e do Plano de Resgate Americano, que forneceu financiamento emergencial durante a pandemia de covid-19.

Voto feminino

Os votos das mulheres e das minorias democratas serão muito importantes para fortalecer o nome de Kamala na disputa, mas uma parcela conservadora ainda está inclinada a Trump. “É muito importante clarificar que nós estamos falando sobre mulheres e minorias democratas porque, em 2020, mais do que a maioria das mulheres brancas votaram em Trump. Essas mulheres não vão votar na vice-presidente. Entre as minorias democratas, acho que ela vai receber muito apoio das

mulheres negras”, afirma Gladys Mitchell-Walthour, pós-doutora e professora na Universidade de Carolina do Norte Central.

Em um embate direto entre Kamala e Trump, espera-se fortes contrastes. “Ela é extremamente inteligente, equilibrada e calma, o oposto de Trump. Ela vai mostrar a diferença entre os dois e vai ser claro quem pode lidar e fazer decisões importantes para os Estados Unidos. Claro que os fãs e seguidores de Trump vão achar que a personalidade explosiva dele é uma força, mas o eleitorado dos estados independentes

pode decidir com base nas diferenças entre os dois”, acrescenta Mitchell-Walthour.

Solução ou caos?

Apesar de a substituição ser aparentemente positiva, renovando os ares da eleição, Eric Heberlig, professor de ciência política da Universidade da Carolina do Norte, demonstra preocupação com a indecisão do Partido Democrata diante da aparente estabilidade na chapa de Trump. “Na medida em que Trump está à frente devido ao desempenho da administração

Biden na economia ou na imigração, substituir Biden pela vice-presidente Harris não ajudará os democratas porque ela, provavelmente, será responsabilizada por eleitores que não gostam do desempenho ou das políticas da administração”, disse. E alertou: “Se os eleitores comuns considerarem essa mudança nos candidatos um ‘caos’, isso também prejudicará os democratas, à medida que figuras fortes como Trump se oferecem, quando necessário, para proporcionar estabilidade e segurança quando o mundo parece estar desmoronando.”

Bill Pugliano/Getty Images/AFP



“Todos ao seu redor, incluindo seu médico e a mídia, sabiam que ele (Joe Biden) não era capaz de ser presidente”

Donald Trump, ex-presidente dos EUA e candidato pelo Partido Republicano

As munições de Trump

Donald Trump não perdeu tempo e tripudiou sobre o agora ex-adversário. “O corrupto Joe Biden não era apto para se candidatar como presidente, e certamente não é apto para servir (como tal) — E nunca foi!”, publicou em sua rede, Truth Social. O magnata republicano descreveu o democrata como, “de longe, o pior presidente da história”. Segundo Trump, Biden somente alcançou a posição de presidente por mentiras, fake news, “e por não sair de seu porão”. “Todos ao seu redor, incluindo seu médico e a mídia, sabiam que ele não era capaz de ser presidente”, acrescentou. Sem base empírica, Trump acusou Biden de permitir a entrada de “milhões de pessoas” na fronteira, “totalmente sem controle e sem verificação”. A equipe de campanha do republicano assegurou que será mais fácil derrotar Kamala Harris.

Charles Stewart III, cientista político do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), disse ao **Correio** que as declarações de Trump fazem parte da “fanfaronice da campanha”. “Trump está essencialmente dizendo que, se as pessoas pensam que Harris é uma candidata mais forte do que Biden, então substituíam a sua força e as hipóteses de vitória. É parte de sua fanfaronice pela qual ele é conhecido”, explicou.

Para Stewart, Trump manterá o mesmo comportamento do início da campanha, após a decisão de Biden. “Ele argumentará que é incrivelmente popular e que a única maneira de perder é se houver fraude”, comentou. Com a desistência de Biden, o professor do MIT acredita que o Partido Democrata retomará o fluxo de arrecadações de campanha. “Kamala Harris tem o endosso de Biden e terá dos principais líderes democratas do país. Trump a atacará com muita força, mas ele faria isso com qualquer outro democrata que entrasse na corrida pela indicação.”

Por sua vez, James Green — historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island) — vê na reação de Trump uma “bravura embutida em racismo subterrâneo”. “Trump é misógino, racista, tem um desprezo total pela comunidade afroamericana. Qualquer coisa que ele disser contra Kamala Harris vai mobilizar uma base importante do Partido Democrata contra ele, assim como as mulheres brancas da classe média que estão indecisas. Elas identificarão em Kamala uma pessoa que defende seus interesses”, disse ao **Correio**. (RC)

O ocaso de um candidato

» RODRIGO CRAVEIRO

Nunca antes na história dos Estados Unidos um candidato desistiu da disputa pela Casa Branca faltando tão pouco tempo para a eleição. A 107 dias da votação, Joe Biden deixa a corrida presidencial de forma melancólica. Praticamente sem apoio dos principais nomes do Partido Democrata e com as doações de campanha em queda. O senador Joe Manchin foi o último a se somar às vozes pedindo a renúncia, poucas horas antes de Biden publicar a carta na rede social X. Em 27 de junho, durante o debate com o republicano Donald Trump, Biden teve dificuldades de se expressar e, algumas vezes, interrompeu a linha de raciocínio. Foi duramente criticado pelo próprio partido e pela imprensa.

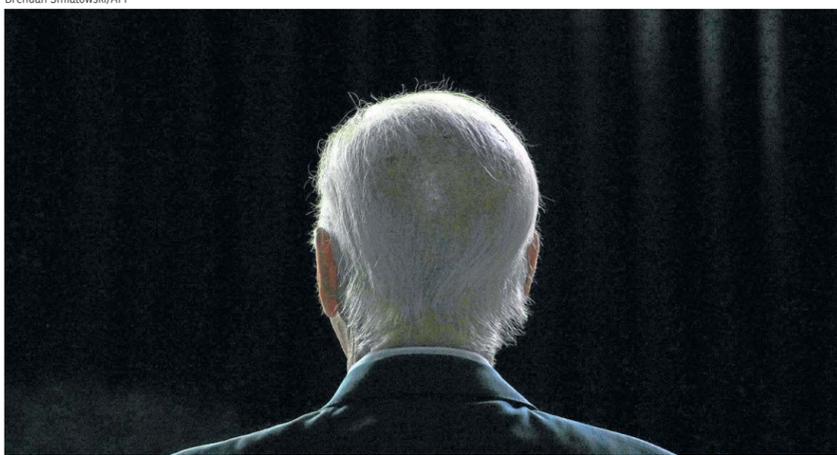
“Depois do debate, Biden viu seu capital político claramente entrar em declínio. Ao abandonar a disputa neste momento, a um mês antes da Convenção Nacional Democrata, ele tem a chance de salvar a própria reputação, independentemente de como as coisas acabem”, assegurou ao **Correio** Charles Stewart

III, professor de ciência política do Instituto de Tecnologia de Massachusetts. De acordo com ele, Biden ganhará muito crédito por ter desistido e se tornará um estadista tão respeitado no partido quanto Bill Clinton e Barack Obama. “O presidente também será um defensor mais eficaz da chapa democrata. Ele não terá que estar em campanha todos os dias e poderá lembrar aos americanos a diferença entre Trump e os democratas, todos os dias, até 5 de novembro”, concluiu.

“Pato manco”

Eric Heberlig, professor do Departamento de Ciência Política da Universidade da Carolina do Norte em Charlotte, pensa diferente. “A desistência transforma Biden em um ‘pato manco’ em Washington”, afirmou à reportagem, citando uma expressão usada para designar um líder sem poder. Apesar de reconhecer que os últimos dias de campanha sempre são marcados pela quantidade de projetos de lei apresentada no Capitólio. “Imagino que a decisão de Biden ajudará a solidificar sua imagem junto aos

Brendan Smialowski/AFP



Joe Biden caiu em desgraça no partido depois do fracasso no debate presidencial, em 27 de junho passado

historiadores. Os apoiadores dirão que ele colocou os interesses do país acima dos seus.”

Há quem acredite que Biden emergirá da crise como uma das mais raras figuras da política norte-americana: o herói abnegado. “Você não pode odiá-lo porque ele envelheceu demais, e parte de sua popularidade será transferida para Kamala”, disse ao **Correio** John C. Coffee, professor de

direito da Universidade Columbia (em Nova York). Apesar de não prever a vitória de Kamala, ele crê que a eventual candidatura dela poderá fazer com que Trump se embarace na campanha, ante o histórico misógino.

Para Timothy Hagle, professor de ciência política da Universidade de Iowa, os danos causados ao legado de Biden estão feitos. “Por ainda ser o presidente,

ele terá algum crédito por ter tomado a decisão certa sobre a campanha, e os democratas certamente tentarão enfatizar isso. Mas tudo dependerá de como ele concluirá o seu governo. Independentemente de quem os democratas escolham como candidato, os republicanos certamente criticarão as políticas e os resultados do governo”, avaliou, por e-mail.